

Alegoria do restauro

o restauro como cura

Dante Augusto Galeffi

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

GALEFFI, DA. Alegoria do restauro: o restauro como cura. In: SILVA, RRG., org. *Preservação documental: uma mensagem para o futuro* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 41-51. ISBN 978-85-232-1221-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

ALEGORIA DO RESTAURO

O RESTAURO COMO CURA¹

Dante Augusto Galeffi²

Apresento com este texto uma Alegoria para o Restauro e os atos restaurativos praticados em nossos ofícios e no ofício de cada um, como pessoas singulares e como profissionais que, de muitas maneiras, lidam diretamente com “restauração” de alguma função memorial e informacional. O texto é composto por uma longa epígrafe que é a citação integral do escrito *O caminho do campo* de Martin Heidegger (1969). Tomei-o como motivo provocante para formular uma Alegoria do Restauro a partir de uma atualização de horizonte existencial, uma contextualização própria e apropriada. Transpondo o Caminho

1 Trata-se de um texto extraído da parte final da dissertação de mestrado do autor, *Hermenêutica do Restauro* (GALEFFI, 1994), desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFBA. O essencial do texto foi mantido, com alguns ajustes adequados à presente publicação, e seu sentido neste âmbito se apresenta como uma alegoria de nossa condição ontológica originária. Sendo que “nossa condição” vem do reconhecimento de que partilhamos todos, o mesmo modo de ser-no-mundo-com que nos define como ente-espécie humanidade. E uma alegoria nunca é aquilo que já se sabe, mas um convite ao inusitado pela proximidade e semelhança dos acontecimentos auto-organizadores do ser humano em seu comportamento conjunto e construído historicamente.

2 Professor Adjunto IV da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (FACED-UFBA); arquiteto com *Specializzazione per lo Studio ed Il Restauro Dei Monumenti, Università degli Studi di Rome, U.D.S.R.*, Itália, e mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela UFBA; docente do quadro permanente do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE-UFBA) e do Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento, com sede na Universidade Federal da Bahia (DMMDC/UFBA); coordenador do DMMDC (2011-2013). Doutor em Educação pela Faculdade de Educação (FACED-UFBA).

do Campo para o Caminho do Mar, a Alegoria do Restauro se faz escuta de vontade de mais vida-com: partilha e comum-responsabilidade. O “restauro” é **imageado** como **estrutura-com** de toda operação com-sentido que projeta a abertura humana para a mediação feliz de seu florescimento improvável. Se tudo na natureza se dá como campo eletromagnético, a entropia é a regra, sendo a ordem e a organização uma exceção. O restauro vai pela linha da exceção, assim como todo constructo humano vivente. Uma Alegoria, pois, da nossa condição existencial como seres abertos a devires desejanter. Seres que são enquanto restauram o viver-vivente.

| 42 |

Do portão do Jardim do Castelo estende-se até as planícies úmidas do Ehnried. Sobre o muro, as velhas tílias do Jardim acompanham-no com o olhar, estenda ele, pelo tempo da Páscoa, seu claro traço entre as sementeiras que nascem e as campinas que despertam, ou desapareça, pelo Natal, atrás da primeira colina, sob turbilhões de neve. Próximo da cruz do campo, dobra em busca da floresta. Salda, de passagem, à sua orla o alto carvalho que abriga um banco esquadrado na madeira crua.

Nele repousava, às vezes, este ou aquele texto dos grandes pensadores, que um jovem desajeitado procurava decifrar. Quando os enigmas se acotovelavam e nenhuma saída se anunciava, o caminho do campo oferecia boa ajuda: silenciosamente acompanha nossos passos pela sinuosa vereda, através da amplidão da terra agreste.

O pensamento sempre de novo às voltas com os mesmos textos ou com seus próprios problemas, retorna à vereda que o caminho estira através da campina. Sob os pés, ele permanece tão próximo daquele que pensa quanto do camponês que de madrugada caminha para a ceifa.

Mais freqüentes com o correr dos anos, o carvalho à beira do caminho leva a lembrança aos jogos da infância e às primeiras escolhas. Quando, às vezes, no coração da floresta tombava o carvalho sob os golpes do machado, meu pai logo partia, atravessando a mataria e as clareiras ensolaradas, à procura do estéreo de madeira destinado à sua oficina. Era lá que trabalhava solícito e concentrado, nos intervalos de sua ocupação junto ao relógio do campanário e aos sinos, que um e outros, mantêm relação própria com o tempo e a temporalidade.

Os meninos, porém, recortavam seus navios na casca do carvalho. Equipados de banco para o remador e de timão, flutuavam os barcos no Mettenbach ou no lago da escola. Nesses folguedos, as grandes travessias atingiam facilmente seu termo, e facilmente recobravam o porto. A dimensão de seu sonho era protegida por um halo, apenas discernível, pairando sobre todas as coisas. O espaço aberto era-lhe limitado pelos olhos e pelas mãos da mãe. Tudo se passava como se sua discreta solicitude velasse sobre todos os seres. Essas travessias de brinquedos nada podiam saber das expedições em cujo curso todas as margens ficam para trás. Entrementes, a consistência e o odor do carvalho começavam a falar, já perceptivelmente, da lentidão e da constância com que a árvore cresce. O carvalho mesmo assegurava que só semelhante crescer pode fundar o que dura e frutifica; que crescer significa: abrir-se à amplidão dos céus, mas também deitar raízes na obscuridade da terra; que tudo o que é verdadeiro e autêntico somente chega à maturidade se o homem for simultaneamente ambas as coisas: disponível ao apelo do mais alto céu e abrigado pela proteção da terra que oculta e produz.

Isto o carvalho repete sempre ao caminho do campo, que diante dele corre seguro de seu destino. O caminho recolhe aquilo que tem seu ser entorno dele; e dá a cada um dos que o percorrem aquilo que é seu. Os mesmos campos, as mesmas encostas da colina escoltam o caminho em cada estação, próximos dele com proximidade sempre nova. Quer a cordilheira dos Alpes acima das florestas se esbata no crepúsculo da tarde, quer de onde o caminho ondeia entre os outeiros, a cotovia de manhã se lance ao céu de verão, quer o vento leste sopra a tempestade do lado em que jaz a aldeia natal da mãe, quer o lenhador carregue, ao cair da noite, seu feixe de gravetos para a lareira, quer o carro da colheita se arraste em direção ao celeiro, oscilando pelos sulcos do caminho, quer apanhem as crianças as primeiras primaveras na orela do prado, quer passeie a neblina ao longo do dia sua sombria massa sobre o vale, sempre e de todos os lados fala, em torno do caminho do campo, o apelo do Mesmo.

O Simples guarda o enigma do que permanece e do que é grande. Visita os homens inesperadamente, mas carece de longo tempo para crescer e amadurecer. O dom que dispensa está escondido na inapariência do que é sempre o Mesmo. As coisas que amadurecem e se demoram em torno do caminho, em sua amplitude e em sua plenitude dão o mundo. Como diz o velho mestre Eckhart, junto a quem aprendemos a ler e a viver, é naquilo que sua linguagem não diz que Deus é verdadeiramente Deus.

Todavia, o apelo do caminho do campo fala apenas enquanto homens nascidos no ar que o cerca foram capazes de ouvi-lo. São servos de sua origem, não escravos do artifício. Em vão o homem através de planejamentos procura instaurar uma ordenação no globo terrestre, se não for disponível ao apelo do caminho do campo. O perigo ameaça, que o homem de hoje não possa ouvir sua linguagem. Em seus ouvidos retumba o fragor das máquinas que chega a tomar pela voz de Deus. Assim o homem se dispersa e se torna errante. Aos desatentos o Simples parece uniforme. A uniformidade entedia. Os entediados só vêem monotonia a seu redor. O Simples desvaneceu-se. Sua força silenciosa esgotou-se.

| 44 |

O número dos que ainda conhecem o Simples como um bem que conquistaram, diminui, não há dúvida, rapidamente. Esses poucos, porém, serão, em toda parte, os que permanecem, graças ao tranquilo poder do caminho do campo, poderão sobreviver um dia às forças gigantescas da energia atômica, que, o cálculo e a sutileza do homem engendraram para com ela entrar sua própria obra.

O apelo do caminho do campo desperta um sentido que ama o espaço livre e que, em momento oportuno, transfigura a própria aflição na serenidade derradeira. Esta opõe-se à desordem do trabalho pelo trabalho: procurado apenas por si o trabalho promove aquilo que naturaliza.

Do caminho do campo ergue-se, no ar variável com as estações, uma serenidade que sabe, e cuja face parece muitas vezes melancólica. Esta gaia ciência é uma sábia sutil. Ninguém a obtém sem que já a possua. Os que a têm, receberam-na do caminho do campo. Em sua senda cruzam-se a tormenta do inverno e o dia da messe, a irrupção turbulenta da primavera e o caso tranquilo do outono; a alegria da juventude e a sabedoria da maturidade nela surpreendem-se mutuamente. Tudo, porém, se insere placidamente numa única harmonia, cujo eco do caminho em seu silêncio leva de um para outro lado.

A serenidade que sabe é uma porta abrindo para o eterno. Seus batentes giram nos gonzos que um hábil ferreiro forjou um dia com os enigmas da existência.

Das baixas planícies do Ehnried, o caminho retorna ao Jardim do Castelo. Galgando a última colina sua estreita faixa transpõe uma depressão e chega às muralhas da cidade. Uma vaga luminosidade desce das estrelas e se espalha sobre as coisas. Atrás do castelo alteia-se a torre da igreja de São Martinho. Vagarosamente, quase hesitantes,

soam as badaladas das onze horas, desfazendo-se no ar noturno. O velho sino, em suas cordas outrora mãos de menino se aqueciam rudemente, treme sob o martelo das horas, cuja silhueta jocosa e sombria ninguém esquece.

Após a última batida, o silêncio ainda mais se aprofunda. Estende-se até aqueles que foram sacrificados prematuramente em duas guerras mundiais. O Simples torna-se ainda mais simples. O que é sempre o Mesmo desenraiza e liberta. O apelo do caminho do campo é agora bem claro. É a alma que fala? Fala o mundo? Ou fala Deus?

Tudo fala da renúncia que conduz ao Mesmo. A renúncia não tira. A renúncia dá. Dá a força inesgotável do Simples. O apelo faz-nos de novo habitar uma distante Origem, onde a terra natal nos é devolvida. (HEIDEGGER, 1969, p. 67-72)

| 45 |

Sigamos, então *O caminho do campo*. Ele nos faz acolher a *Alegoria do restauro*.

A descrição do Caminho do Campo abre o horizonte da presença diante de nós. Percorrê-lo significa, exclusivamente, divisá-lo no âmbito demarcado pela Lembrança. O caminho do Campo re-vigora a natividade. Nele o nascedouro re-flui desembaraçado...

“[...] silenciosamente acompanha nossos passos pela sinuosa vereda, através da amplidão da terra agreste.”

A amplidão da terra agreste, sua sinuosa vereda são o Caminho. O Caminho acompanha nossos passos. O Caminho nos antecede. Ele continua Caminho além de nós.

Passos acompanhados silenciosamente na sinuosa senda. O Caminho já abraçou em si o seu princípio, meio e fim: ele é Lembrança que mantém o visco do que brilha ao Sol.

Este “ser lembrança” se mostra na imagem do Caminho do Campo. Mas a Lembrança não é o que nos vem do passado. Lembrar, apenas isto, significa “ser”. No “ser” todas as lembranças do passado se tornam futuras. Nada há no “ser” senão o próprio “ser”.

O “ser”, porém, não é uma representação. Ele nunca se presta a ser “isto” ou “aquilo”. O “ser” nunca é qualquer “coisa”.

No Caminho do Campo recolhe-se o Simples na amplidão da sua monotonia imprevisível. Este “estar no amplo” que a amplidão desenha no horizonte, perpassa a temporalidade multipartida. Este “amplo” é também “longo”: esta é a medida do seu tempo e da sua temporalidade. O tempo é amplo, a temporalidade é longa, e por isso também “lenta”. A lentidão é o aviso de que o tempo re-pousa na sua vastidão, e de novo fala o Simples.

| 46 |

No Caminho do Campo ninguém escapa da sua própria senda. Mesmo no sonho o Caminho do Campo é o anúncio do destino. Silenciosamente ele acompanha nossos passos.

No Caminho do Campo estamos sempre a caminho no tempo. A lentidão própria do tempo nos é assinalada pela “vizinhança”. Nas árvores da mata, nos montes argilíneos e alvos, no balouçar das águas marinhas recortadas pelo fio contínuo do horizonte azul... Em tudo isso fala a “lentidão” e a “constância” com que as coisas do Caminho se dão a crescer e fenecer. Ao largo e ao longo, o Caminho sempre se apresenta o Mesmo. A cada instante se pode admirar o seu vigor.

Na proximidade do mais duradouro, o mar é o que nos lembra o tempo. Não são as montanhas majestosas da Floresta Negra, nem os seus carvalhos solenes e solitários que nos permitem admirar a solicitude do tempo. Trata-se, no caso, de se divisar o próprio Caminho do Campo, não importando se agreste ou marinho, planaltino ou recortado por montanhas multimilenares.

Sendo o Caminho do Campo um Caminho próprio, a fluidez e o odor marinho começam a falar da lenta, turbulenta e calma constância com que o mundo nos chega pelo mar. Na sua fluidez o mar se assemelha ao carvalho em seu sendo. E este “assemelhar-se” se mostra no modo como o carvalho assegura, em si mesmo, que somente um crescer como o seu pode fundar o que “dura” e frutifica. O mar, no caso, nos assegura que apenas no seu âmbito podem crescer os peixes e a vegetação submersa. E é nesta amplitude que se pode

tirar o alimento da vida. O mar é o berçário da vida planetária. Filhos do mar, toda a vida está sempre no mar.

A jornada do mar tem o sol como demarcador das horas. Na sua monotonia solene, o mar faz refluir a história do tempo. Nas suas profundezas o mar finca seus limites enquanto mundo. Todos os confins da terra são as raízes do mar. A separação dos elementos nele é perfeita.

O mar então lembra-nos que tudo o que é verdadeiro e autêntico está sempre aberto ao vento da coisa, pois é este aberto o que acolhe o que germina e frutifica.

| 47 |

Para chegar à maturidade o homem deve estar

“disponível ao apelo do mais alto céu e abrigado pela proteção da terra que oculta e produz.”

O homem, na vastidão do mar pode ouvir este apelo do que é mais alto e simultaneamente o abriga na proteção da água que oculta e produz. Sempre de uma terra o caminho do mar é divisado. Na inquietação das suas serenidades, o mar lembra ao homem a vastidão do permanente. Constante como o sol, variável como a lua, o mar também ocupa a vastidão do eterno.

O Caminho do Campo transformou-se em Caminho do Mar. A parábola do Caminho fala do Mesmo sendo Outro: o Caminho é a morada do que perdura na materialidade do seu halo. A constância do Caminho é dada pela maturidade do homem que deve crescer como as árvores da floresta. E o carvalho é o mestre silencioso das árvores que não crescem à sua sombra, mas vincam na sua vizinhança.

O carvalho fala da altura da sua temporalidade secular, das raízes primevas do mundo. Ele abarca na sua consistência a memória inteira do que se plantou na terra e abrangendo o céu inteiramente.

O mar também é mestre silencioso dos que o abarcam. Como o carvalho, o mar também localiza o homem na sua temporalidade,

acostumando-o as metamorfoses do Mesmo. O Caminho do Mar é o Mesmo Caminho do Campo. O Mesmo consiste no que é re-colhido no “ser”.

“O caminho recolhe aquilo que tem seu ser entorno dele; e dá a cada um dos que o percorrem aquilo que é seu.”

Cada um encontra no caminho aquilo que é seu, desde que o seu ser se mantenha na sua vizinhança. O caminho, então, recolhe o que tem o seu ser na sua proximidade. O Caminho é o Simples.

“O Simples guarda o enigma do que permanece e do que é grande”.

O Simples também mostra como tudo deve re-começar e re-acabar.

Na simplicidade definitiva do mar guardam-se os segredos soprados pelo marulhar. Este Simples fala sempre do que permanece e do que é vasto. A sua grandeza desfaz qualquer intenção de dominá-lo. Nenhum artifício se assemelha ao que é este Simples na sua mag-nitude.

“O dom que dispensa está escondido na inaparência do que é sempre o Mesmo”.

O mundo nasce das coisas que amadurecem e se demoram em torno do caminho. O signo do caminho é o Mesmo.

“Todavia, o apelo do caminho do campo fala apenas enquanto homens nascidos no ar que o cerca foram capazes de ouvi-lo.”

O apelo do caminho só se dá a escutar enquanto homens nascidos no seu âmbito o acolheram na escuta. E os que o escutam “são

servos de sua origem não escravos do artifício.” Esta servidão é o sentido humano em suas metamorfoses temporais e espaciais, é a marca de origem dos que escutam o caminho, o acolhem no caminhar. Se do mar, se do campo, o caminho é o Mesmo. No ar que o cerca nascem os humanos capazes de ouvi-lo.

Como seria possível que os humanos não procurassem instaurar uma ordem no globo terrestre, antes ainda de se fazerem disponíveis ao apelo do caminho do campo?

“O perigo ameaça, que o homem de hoje não possa ouvir sua linguagem.”

| 49 |

Distante de si mesmo, o homem de hoje não ouve mais a linguagem do caminho. Este é o único perigo verdadeiro. Longe desta escuta da linguagem do caminho, os ouvidos humanos se tornam desatentos, e nada mais se escuta além do vozerio indistinto. O falatório instala-se no lugar da fala que escuta o caminho.

“Assim o homem se dispersa e se torna errante. Aos desatentos o Simples parece uniforme.”

Nessa fatal dispersão a errância nadifica. Na desatenção o Simples permanece ocultado.

“O número dos que ainda conhecem o Simples como um bem que conquistaram, diminui, não há dúvida, rapidamente.”...

O caminho do campo sendo também o caminho do mar é o caminho que restaura o homem de sua desatenção nadificante. Este restaurar tira do homem o deserto em que se transformou a sua existência. Mas, o número dos que ainda conhecem este Simples como um restauro do “ser”, é sempre menor. O número, porém, não salva o

mundo da sua desertificação. São os homens que acolhem o caminho, mesmo em número reduzido, que abrem clareiras aos que se dispõem, ainda adiante, ao serviço liberador.

“Do caminho do campo ergue-se, no ar variável com as estações, uma serenidade que sabe, e cuja face parece muitas vezes melancólica.”

O caminho do mar perscruta nossas regiões abissais com suas faces multifacetadas. Mesmo na variação das suas estações, ergue-se uma serenidade que sabe. A melancolia muitas vezes se mostra entre os sorrisos apenas manifestos. Mas este é o estado comum do caminho do mar. A serenidade melancólica, esta “sageza” inefável, é um dom que se recebe do caminho do mar.

Na serenidade que sabe a renúncia se funda na atenção ao Mesmo. Esta renúncia é a que faz jorrar a força inesgotável do Simples.

“Tudo fala da renúncia que conduz ao Mesmo.”

O apelo do caminho do mar faz-nos de novo acolher a Origem. Nela a “água natal” nos é devolvida: O Simples se faz o restauro do Mesmo. O Mesmo, porém, é sempre o que surpreende pelo seu vigor restaurado. Na Diferença do Mesmo, o caminho restaura a linguagem do que é memorial.

No que é memorial funda-se a possibilidade de se apresentar a alegoria do restauro. De modo poético, a alegoria do restauro brotou da proximidade com o Caminho do Campo. Em uma transfiguração sêmica, o Caminho do Mar mostrou-se o nosso caminho do campo. Na parábola do re-torno ao que é Origem, revigora-se a apresentação do restauro como ser da presença. No caminho do mar abriu-se para nós a síntese da questão esquecida. Restaurada, ela instiga no homem um salto no aberto da sua clareira. O sentido do ser se fez restauro. A Origem não se apresenta passada e nem futura: ela é o que agora germina em seu sentido vivente. Deixar de restaurar o passado

ou/e o futuro, apenas restaurar o vivente. A lembrança, então, é também antecipação do vivente no vivido. O Restauo como Cura. Sempre aprender na criação incorporada.

REFERÊNCIAS

GALEFFI, Dante. *Hermenêutica do restauro: uma leitura heideggeriana como restauração da questão esquecida: o restauro como cura*. 1994. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

HEIDEGGER, Martin. *O caminho do campo*. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1969.